

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	2\$500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	1\$300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNO I — 10 DE JULHO DE 1881 — N.º 21 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	7\$000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	4\$000 "
Trimestre ou 13 ".....	2\$000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARY

Gravuras:—Raparigas de Ampezzo; Chegaram tarde; A mesquita de Brussa; O emysauro.

Texto:—Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; A semana historica, por A. O.; A cama 27; Rosicler; Horas de ocio; Sobremeza; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amero; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Temos um assumpto tragico. Foi assassinado o presidente da republica dos Estados-Unidos, o go-

mente como qualquer czar que reinasse ha vinte e cinco annos. Gasta um dinheirão nas eleições, porque uma eleição presidencial nos Estados Unidos ainda custa mais cara que a eleição do sr.

dimento das minas de ouro dos Ouraes. Que divertimento!

Mas fazem favor de me explicar esta sinistra loucura? Que nivel mysterioso é este que iguala



RAPÁRIGAS DE AMPEZZO

neral Garfield. Ainda hontem subira ao poder, e já hoje apanha umas poucas de balas, exacta-

Pedro Franco, e tratam-n'o como a um imperador da Russia, que tem para os seus alfineteos o ren-

perante a explosão da polvora e da dynamite o autocrata de todas as Russias, e o presidente de

todos os Estados-Unidos, que arranca do mundo ao mesmo tempo o descendente dos Romanoff imperiaes e o barqueiro do Ohio ou do Colorado, o habitante do Palacio de Inverno e o morador da Casa Branca? A estas horas de certo a sombra do imperador Alexandre II anda passeando á beira do estreito de Behring á espera da sombra do general Garfield, que virá ter com elle do lado americano do mesmo estreito, como no prologo do *Judeu Errante*, para irem d'ali juntos á presença do Omnipotente perguntar-lhe se tudo endoideceu na terra.

Estava doido, dizem os telegrammas referindo-se ao assassino do general Garfield; o mesmo se disse de Otero, o mesmo se allegou de Hoedel e de Nobiling e de Passanante e de Moncasi, porque a lista vai sendo enorme, e é indispensavel d'aqui a pouco fundar um hospital especial para esta classe de alienados, para os que se acham atacados da monomania regicida ou presidenticida.

Mas são doidos effectivamente, são, e a doidice que os salteia anda no ar do seculo, como as doenças da vinha e das batatas. É a *phylloxera rhetorica*, a mais terrivel de todas as *phylloxeras*. Ah! com os demonios! Pois os senhores accumulam ha vinte annos toda a qualidade de absurdos e de *blagues* sobre as reivindicações sociaes e o exterminio dos burguezes, e a demolição da sociedade, divinizam o petroleo, põem Sophia Perowska no seu calendario como uma santa martyr, fazem a cada instante a apologia do tyrannicidio, inventam até palavras especiaes para condecorar a acção dos patifes que matam uns sujeitos que tem mais galões do que outros, e imaginam que tudo isto cae apenas nos cerebros sadios de meia duzia de homens intelligentes que se riem? Não, apostolos, não, honrada gente que não imaginaiis que haja quem faça dos vossos adjectivos cartuxos metallicos, não, ha n'este mundo muitos cerebros ócos, onde as vossas palavras sonoras despertam uns echos espantosos, e é com os vossos periodos escriptos a um tanto a linha que se carregam as espingardas dos canadenses, é com os vossos adjectivos, que não tem outro fim senão avolumar o artigo para avolumar o pagamento, que se accendem as bombas de dynamite da avenida Miguel, e cada um d'esses patetas, que vos tem devorado pela sede da publicidade, pela febre da attitudé, atrevido de uma *rhetorique* aguda, se tem um imperador mata um imperador, se tem apenas um presidente de republica, mata o presidente da republica.

Tendes a consciencia do que fazeis? Talvez, porque ha um facto curioso que recommendo á meditação dos tyrannicidas do futuro. Nunca são os prégadores d'esses actos heroicos aquelles que os executam. Do fundo do seu comodo exilio na Suissa, onde se passa admiravelmente á beira do lago de Genebra e onde se é sustentado com o fructo das subscrições dos ingenuos, Felix Pyat prega as doutrinas mais terribes, preside aos congressos mais ferozes, faz as declarações mais subversivas, e no meio do auditorio que o escuta ha sempre um fanatico imbecil, que recebe na cabeça aquella *douche* de rhetorica, vai para casa, compra um revolver, dispara um tiro na cabeça do primeiro chefe de Estado que encontra, é preso, e salta para a immortalidade pela janella da guilhotina. Entretanto Felix Pyat, n'um banquete de vitella e salada, bebe um copo de champagne á memoria do martyr, e a revolução tem mais

um pedaço d'asno canonisado, e n'esse ponto, devemos dizel-o, tem a Revolução uma certa superioridade sobre o Catholicismo, porque este canonisa muitas vezes aquelles que, como o novo santo Labre, desfructaram os seus contemporaneos, a Revolução canonisa quasi sempre os que foram desfructados por elles.

Pois bem! é necessario que todos os homens honrados, seja qual for o partido a que pertençam, protestem contra esta propaganda estúpida, que, disfarçando o assassinio com o nome de *regicidio* e de *tyrannicidio*, cinge com a auréola dos martyres os Troppmann politicos, é necessario que se lhes diga que elles não são uns combatentes, são uns bandidos, que os republicanos podem combater a realza, os realistas podem combater a republica, os nihilistas podem combater a sociedade, mas em guerra leal e aberta, com a palavra escripta ou fallada na imprensa ou nos comicios, com a espingarda nas barricadas e nos campos de batalha, mas que é covarde e vil esperar um homem á esquina de uma rua, e desfechar-lhe dois tiros na cabeça sob pretexto que elle é imperador ou presidente da republica. Debalde allegam os assassinos que se expõem a ser presos e guilhotinados, tambem se expõem a isso os assassinos vulgares e os ladrões, e esse perigo que correm não lhes dá direito algum a serem considerados martyres. Este assassinio do presidente da republica dos Estados-Unidos, seguindo-se com poucos mezes de intervalo ao assassinio do imperador da Russia, mostrará a certos republicanos o perigo das suas theorias. O punhal de Bruto estava havia muito tempo desterrado para o armazem dos velhos pertences do theatro politico. Desde que tomou a forma de dynamite, deram-lhe de novo os foros de actualidade; cada partido começou a ter os seus «anjos do assassinio».

Os realistas já tinham Carlota Corday, os republicanos apresentaram Sophia Perowska. Carlota Corday tivera uma tragedia de Ponsard, Sophia Perowska teve o romance e a lenda da *re-portage*. Os nihilistas russos viram-se rodeados de um nimbo radioso pela fantasia revolucionaria, os americanos quizeram ter tambem uma porção d'essa auréola. Guiteau — coitado — não tinha um imperador, não tinha um Cesar, não tinha uma estatua da liberdade, não tinha uma toga, não tinha os cossacos passando a galope em torno de uma carruagem, dispunha apenas de uma *mise-en-scène* prosaica e insignificante, um wagon de caminho de ferro, uma espingarda de dois canos e um presidente de fraque. Não podia fazer mais nada, deu-lhe dois tiros. O seu predecessor, Eduardo Booth, ainda conseguira arranjar um theatro, cheio de luz, onde se representava uma tragedia de Shakespeare, estendeu Lincoln morto no camarote, e depois saltou para o palco brandindo o punhal ensanguentado. Mas esse fôra actor, e passára uma parte da sua vida a ruminar aquelle 5.º acto, fôra actor pateado que sempre fizera rir a plateia, e não encontrára outro meio para a dominar, para a horrorisar, para a fazer levantar n'um immenso grito de pavor. Booth não se vingára de Lincoln, vingára-se de Shakespeare. Ah! eu fui Macbeth, e fiz rir o publico, ao apparecer em scena com o meu punhal molhado em tinta vermelha, verás que n'uma tragedia da minha lavra hei-de apparecer em scena com um punhal tambem, e todas as tuas fantasias dramaticas, Shakespeare, hão-de desapparecer esmagadas pela minha appareição real.

Mas Guiteau não era actor, era um simples amator, sem imaginação nem coisa alguma. E contudo tinha a fome da publicidade, estava ansioso de ver o seu nome nos immensos telegrammas do *Times*, de atirar com as suas duas syllabas obscuras aos echos dos dois mundos, e foi por isso que pegou na sua espingarda de dois canos, uma syllaba para cada cano, uma syllaba para cada mundo.

E agora continuem a cantar em todos os tons o assassinio, srs. jornalistas, façam de Maria Bière o «anjo da vingança», de Sophia Perowska o «anjo do regicidio», de Luiza Michel o «anjo do petroleo», do cozinheiro Passanante o «anjo da cosinha», d'este Guiteau o «anjo dos dois canos», ponham fora do céu os tres anjos caducos, Miguel, Raphael e Gabriel, e substituam-n'os por toda esta malandragem, que ha-de fazer do Paraizo uma succursal da Boa Hora, mas lembrem-se que pode vir um dia em que os assassinos reflectam que foi matando um jornalista que Carlota Corday alcançou as lagrimas da posteridade e os cinco actos de Ponsard, e que, visto ter-se passado já dos imperadores para os presidentes, pode-se passar com igual facilidade dos presidentes para os redactores principaes.

PINHEIRO CHAGAS.

P. S. Está ainda vivo, o sr. Garfield. Folgamos, e achamos justo. Um soberano temporario só deve ser assassinado temporariamente.

AS NOSSAS GRAVURAS

RAPARIGAS DE AMPEZZO. — Não lembram um pouco as nossas gentis tricanas ou as elegantes varinas? O chapéu desabado, as arrecadas das orelhas, a airozidade dos corpos e os caracteres essenciaes do typo não trazem á memoria essas galantes raparigas que vemos nas praias do Oceano, ao norte de Aveiro? Qual o motivo d'esta semelhança singular? Pois estas são tyrolezas, porque Ampezzo pertence ao ducado de Frioul atravessado pelos Alpes carnicos, mas ha entre a montanha e o mar não sei que asperas e fortificantes semelhanças, e a semelhança do meio em que desabrocham deve trazer consigo a semelhança da formosura e do adorno entre as nossas flores da beira mar e aquellas flores dos Alpes.

As raparigas de Ampezzo subiram ao alto das suas montanhas, e foram alli entoar em côro uma d'essas graciosas cantigas de um rythmo tão original e tão estranho que se denominam *tyrolezas*, cantigas de montanha em que as notas se prolongam para dominar o rugido do vento nas cumiadas como se estende n'uma cantilena melancolica o fallar e o cantar dos nossos habitantes das praias, que tambem parecem querer dominar assim o eterno rugido das vagas.

CHEGARAM TARDE. — Pobres pequenos! Fizeram gazeta e a tempestade é inevitavel. Lá dentro o sr. mestre está fazendo cantar aos seus discipulos o hymno do principiar da escola, e estes maganões, que andavam pelos campos a deitar o papagaio, apanham inevitavelmente o seu puxão de orelhas. O pintor do quadro conhece bem as crianças. É um traço caracteristico a indifferença alegre do mais pequeno. O mais velho percebe perfeitamente que vai haver trovoadas, e a pequena essa já comprehende tambem que ha de

pesar sobre ella toda a responsabilidade dos acontecimentos.

Não commentamos mais. Está explicado o assumpto, e não pretendemos substituir-nos ao leitor para lhe tirarmos o prazer da analyse.

A MESQUITA DE BRUSSA.—Foi antigamente uma igreja christã, hoje é mesquita, como a Sé de Lisboa foi mesquita mahometana e hoje é igreja. As paredes dos templos assistem com a mais completa indifferença a essas mudanças de culto, e pouco lhes importa que os visitantes tirem os chapéus ou tirem os chinellos quando entram no recinto sagrado. Demais, debaixo d'essas altas abobadas, n'essas casas destinadas á meditação e á prece, fluctua sempre, grandiosa e sublime, a imagem sacro-santa de Deus.

Brussa é uma grande cidade da Turquia Asia-tica, cuja historia não contaremos porque não viria muito a proposito da gravura. Bastará dizer que essa cidade foi o primeiro asylo escolhido por Abd-el-Kader, quando o governo francez lhe concedeu a liberdade, com a condição de não voltar á Argelia. Abd-el-Kader mostrou-se sempre grato aos francezes, e usou de toda a sua influencia para comprimir as sublevações dos seus patricios. Estes porem continuam a revoltar-se sempre que podem, mas nunca mais encontraram um vulto como o do «ultimo cavalleiro arabe», e o Bou-Amena da insurreição actual parece-se tanto com Abd-el-Kader como o chacal com o leão do deserto.

O EMYSAURO.—Não é um animal ante-diluviano esse monstro que a nossa gravura representa, mas deve ser seu proximo parente. Vae desaparecendo comtudo, e já são rarissimos mesmo na America. É porem um animal perigoso como todos os carnivoros. Felizmente o seu manjar predilecto é a carne de crocodillo, e, em apanhando um d'estes amphibios, é um instante enquanto o deixa sem cauda com uma bicada formidavel. Seguindo este systema de cortar os seus bifos nas peças de carne viva, quando se encontra com um banhista, procede como procederia com um crocodillo, ferra-lhe o bico, e arranca-lhe um pedaço de carne qualquer, depois deixa-o, em primeiro logar porque entre o almoço e o jantar não toma coisa alguma, em segundo logar porque elle de que gosta é de crocodillo.

Na Europa só se conhece um emysauro (tartaruga-lagarto), que está no Jardim das Plantas, onde o sustentam a carne de vacca!

A SEMANA HISTORICA

8 de julho de 1497.—Partida de Vasco da Gama para a India

Os descobrimentos e as explorações maritimas dos portuguezes, iniciados pelo infante D. Henrique, continuaram depois da morte d'esse principe e durante o reinado de D. Afonso V, senão com ardor, ao menos com perseverança, e D. João II, o principe perfeito, seguindo a tradição do filho do mestre d'Aviz, deu novo e vigoroso impulso a essas arrojadas navegações.

Começando a dispôr tudo para uma expedição á India, não lhe permittiu a morte realisa-la, D. Manuel porém, logo que subiu ao throno—cuidou activamente em levar por diante esse projecto e, escolhendo para chefe Vasco da Gama, man-

dou fazer os preparativos necessarios para tão gloriosa empresa.

Determinou-se que a esquadra, destinada a ir em busca do novo caminho para o Oriente, se compozesse de quatro navios e foram estes: *S. Gabriel*, cujo mando foi confiado a Vasco da Gama, levando por piloto Pero d'Alemquer, que já dirigira a viagem em que se descobriu o cabo da Boa Esperança, o *S. Raphael* para a capitania do qual foi escolhido Paulo da Gama, irmão do chefe da frota, tendo por piloto João da Cunha, o *Berrio* que foi entregue a Nicolau Coelho, indo por piloto Pero Escobar, e finalmente, o *S. Miguel*, que era a nau dos mantimentos, governado por Gonçalo Nunes, creado da casa dos Gamas.

Achando-se tudo apercebido para a viagem, na sexta-feira, 7 de julho de 1497, foram Vasco da Gama, seu irmão e Nicolau Coelho, velar a noite na pobre ermida, que existia onde hoje se ergue o soberbo templo dos Jeronymos, e que, por ordem do infante D. Henrique, ali fôra construida para os marinheiros, antes de encetarem as suas trabalhosas navegações, irem implorar o auxilio e o soccorro de Deus.

No dia seguinte as freiras, a quem estava entregue a humilde capella, e alguns sacerdotes que tinham ido da cidade para dizerem missas, formavam uma devota procissão para acompanhar ao embarque os ousados marinheiros, que caminhavam na frente levando cada um d'elles uma tocha na mão, ao passo que a gente de Lisboa, que acudira em grande numero, e que ficava atraz, respondia á ladainha que os padres foram cantando até os nautas entrarem nos bateis.

Postos então todos de joelhos, o vigario da ermida fez em voz alta uma confissão geral e no fim d'ella os absolveu na forma da bulla que o infante D. Henrique tinha alcançado para os que fallecessem nos descobrimentos ou conquistas do ultramar.

Terminada esta cerimonia religiosa e no meio das lagrimas da multidão, os escaleres largaram da praça dirigindo-se para a esquadra, e d'ahi a pouco as quatro embarcações desfraldando as velas, seguiram pelo rio abaixo em direcção á barra, e começaram essa empreza gigante que mudou em grande parte a face do mundo, e da qual, ainda hoje, perdido já por nós o sceptro dos mares e aniquilado o nosso vastissimo imperio indiano, nos resta um monumento immortal nas paginas dos *Lusiadas*.

A. O.

A CAMA 27

Era a hora da visita no hospital da Pitié.

Grande affluencia de estudantes, porque era clinica do dr. Servin. E o dr. Servin era um professor em voga.

Muito novo ainda—trinta e oito annos apenas—entrara brilhantemente, de prompto, por concurso, no seio da faculdade.

A sua reputação propagára-se rapidiamente cá por fóra.

Não havia consultas mais frequentadas que as suas. Contava-se já que ganhava os seus cem mil francos por anno. Isto sem charlatanismo, era um modesto. E um feliz, pois casara com uma mulher rica e formosa. *Duo raro*.

Admirem-se agora de haver uma multidão enorme, na visita, essa manhã.

Tinham já sido passadas em revista muitas camas.

Chegaram de frente do n.º 27.

—Ah! disse o doutor, já cá não a hemiplégica de hontem.

—Morreu, disse o enfermeiro.

E depois mais baixo.

—Foi substituida por uma pobre rapariga que não vale mais do que ella.

—Ah!

—Trouxeram-n'a hontem á noute. Foi encontrada aqui ao pé, na rua Monge, sem sentidos e com escuma vermelha na bocca.

—Congestão pulmonar? interrompeu o doutor.

—Phthisica alcoolica e anemia resultante da devassidão, opinou o enfermeiro.

—Quantos annos?

—Dezesseis annos e meio.

—Pobre rapariga!

Este dialogo fôra trocado em voz baixa.

A doente entretanto entreabrira os seus grandes olhos negros, todos brilhantes de febre, e olhava para toda aquella gente que se encaminhava para ella.

Uma estranha cara, a d'essa rapariga.

Verdadeira cabeça de Garoche feminino, conservando a sua expressão de depravação canalha mesmo atravez das dores.

Era bonita, mas exquisita, com os seus cabellos asperos, em desalinho, os seus labios zombadores, e o seu ar pebulante avivando a pallidez morbida do rosto magro.

O sr. Servin contemplou-a um instante, depois repetiu:

—Pobre rapariga!

E debruçando-se sobre o leito:

—O que lhe dóe, minha filha?

—Tudo!... Sinto perfeitamente que se quebrou a manivella... isto está prompto.

—Ora!... Levante-se para eu a auscultar.

—Se quer... Mas talvez não possa... Estou a cahir aos pedaços... Tambem, fiz tudo o que era preciso para isto...

—E seus paes?

—Os meus paes!... Então imagina que eu estaria aqui se os tivesse?

—Morreram?

—Ambos não.

—Como?

—A mãe, sim... Essa já lá vae... morreu esmagada de trabalho... Quanto a meu pae, bem podia pôr annuncios... e dar alviças... Os paes perdidos nunca se encontram.

O dr. Servin, a estas palavras, teve um estremecimento.

Sem duvida a sua curiosidade estava excepcionalmente excitada pelo espectáculo d'aquelle precoce scepticismo: porque, com um signal, convidou os estudantes a conservarem-se affastados.

Todos recuaram, respeitosos, até ao fim da sala.

—Então, sua mãe morreu? continuou o doutor.

—Ha mais de seis annos.

—E seu pae?

—Nunca o vi mais gordo... Safou-se antes de eu fazer a minha entrada pouco solemne n'este mundo.

—De que morreu sua mãe?

—De que? De tudo. Primeiro, da vida: porque levou uma existencia desde que estava gra-

vida de cinco mezes, sem trabalho, sem pão, sem ter sequer o recurso de pandiga, porque amava o outro, aquelle que se raspára sem deixar a morada... Foram os visinhos que me contaram isto... Porque a mãe, essa, roía tudo com-

recolhida por uma velha... uma dama caridosa que lá tinha a sua fígada. Aos quatorze annos mandava-me já para a rua... vender flores... Não valiam 40 soldos, e queria que eu levasse de fora 20 francos. Como? Só o vicio dá estes in-

O dr. Servin contemplava-a fixamente, como immobilizado por uma commoção pungente.

—Mas é verdade, disse a doente, quando a tosse passou e depois de ter enxugado o sangue que lhe viera á bocca, o que tem o senhor com



CHEGARAM TARDE

sigo... Quando havia cinco soldos em casa era para me comprar de comer... Ella, coitada, acostumára-se a passar sem isso... Foi arrastando a assim a vida até eu ter dez annos... Mas não ponde ir mais longe... Cahi como um cavallo valente que morre preso á carroça... Então fui

teresses... cahi... cahi... até me aborrecer de mim propria... Então puz-me a beber absyntho para esquecer... E aqui tem!... Caminho direita para a valla.

A rapariga tinha uma lagrima nos olhos.

Deu-lhe um violento ataque de tosse.

isto... Estou a seccal-o com a minha historia de familia... Sou uma massadora, hein?... Dê-me um remedio para eu poder dormir um bocado. E se me poder ir durante o meu somno, boa viagem.

O doutor pegára-lhe na mão.

Com voz anciosa:

— Tem dezeséis annos e meio?

— Tenho... Quem lhe disse isso? Ah! foi eu...

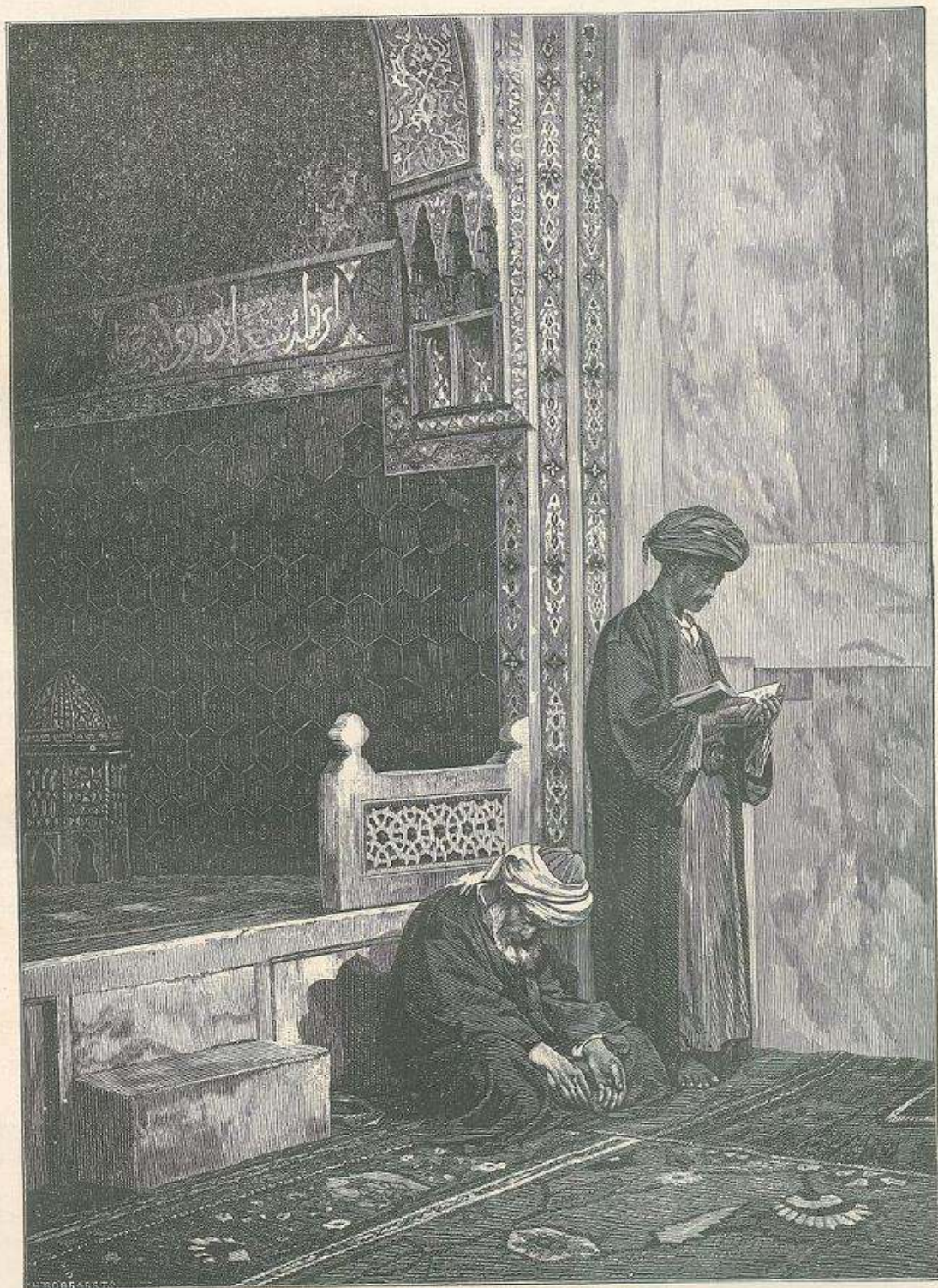
É verdade... ainda não escondo a minha idade...

— Era estudante de medicina. Eu sou um pouco cá da sociedade, como vê?... Seduzira minha mãe... por pandiga... Mas quando ella lhe disse que d'ali ia resultar coisa séria... por aqui

É verdade... sim... um estudante de medicina...

A pequena sentára-se, com os seus dois braços descarnados fóra da roupa... Abriu a bocca...

A tosse horrivel, dilacerante, sacudia-a com



A MESQUITA DE BRUSSA

— Nasceu em Paris?

— Sim, senhor... Na Maternite... Tive um hospital no principio... outro no fim... Principiei e acabei no mesmo sitio.

— Mas seu pae?

A voz do doutor tornára-se tremula.

— O seu pae? o que fazia?

me sirvo. Os homens, isso não os impede de serem considerados, não é verdade?

O dr. Servin estava branco.

— E sua mãe chamava-se? murmurou elle.

— A mãe? Chamava-se Octavia Brunell.

— Meu Deus! Meu Deus!

— O que é?... O que tem?... Por acaso?...

furor... Recabiu sobre o travesseiro, levantou os olhos, e no ultimo esforço do estertor:

— Já vêes que não sou incommoda... Vou-me embora... Adeus, papa.

N'essa manhã o dr. Servin não fez a sua clinica.

PEDRO VERON.

ROSICLER

O eminente poeta brasileiro Luiz Guimarães, que ha pouco passou por Lisboa, e que ha pouco tempo tambem publicou um volume delicioso intitulado *Sonetos e Rimas*, acaba de dar á luz um novo livro de versos intitulado *O livro de Gabriel*. Ainda não chegou a Portugal essa nova publicação, mas podemos dar aos nossos leitores as primicias do novo livro, arrancando-lhe esta pagina verdadeiramente deliciosa, uma das mais esplendidas poesias que ha muito tempo se nos depararam, uma d'estas obras immortaes em que fica esculpido eternamente um d'esses sentimentos, uma d'essas paixões que fazem vibrar n'um dado momento o coração do poeta, e que teem echos perpetuos no coração da humanidade.

Ah! vae a poesia. Ainda que tivesse tido uma larga publicidade, inserir-a-hiamos n'esta secção, mas além de tudo é uma novidade:

LONGE DA PATRIA

Se tivesses cabido á sombra das montanhas,
Lá onde a planta, o fructo e a flor são immortaes;
Se, em vez de succumbir n'estas terras estranhas,
Morresses, filho meu, na terra de teus paes:

Se Deus me houvera dado a suprema ventura,
A mim, que nada espero e nada ambiciono,
De abrir a tua cova ao pé da sepultura,
Onde jaz minha mãe dormindo o eterno somno;

Se a manhã tropical baixando da alta serra
Em seus braços colhesse, extatica e fagueira,
O espirito gentil que te animou na terra,
Como o perfume anima a flor da laranjeira;

Se ao murmúrio fugaz da aragem maviosa,
Que desce da palmeira ao valle adormecido,
Exhalasses, oh harpa angelica e saudosa,
Teu suspiro final e teu final gemido;

Se os doudos colibris, alados diamantes,
Vagabundos rubins, saphiras implumadas,
Cercassem-te o caixão nos vãos fulgurantes,
Como um roto collar de gemmas espalhadas;

Se a voz dos sábios, os bardos da tristeza,
Os Poetas da aurora e do final do dia,
Te saudasse ao passar, oh mimo de pureza,
Alvo botão de flor, morto quando se abria;

Se teu corpo descesse á lugubre morada,
Seguido pelo olhar fraterno e carinhoso
Dos amigos fieis que lá na Patria amada,
Soffrem com minha dor e exultam com meu gozo;

Ah! Gabriel! talvez minh'alma, infausta e exangue,
Não cortisse a amargura atroz que a vai minando;
Nem chorasse, meu filho, as lagrimas de sangue,
As torrentes de fel que agora está chorando.

Pois allí entre os meus, allí na nossa terra,
Grande e nobre e altiva—eternamente em flores,—
Alli onde o sepulchro, a propria campa, encerra—
Bello oasis final—miragens de esplendores;

Dormirias feliz ouvindo as cantilenas
Das aragens do sul vindas das serranias:
Meiga, tão meiga voz como as cousas serenas
Ditas por tua mãe quando tu lhe sorrias;

Dormirias feliz, enquanto vagamente,
Leve como o adejar d'um solitário pombo,
Sobre ti verteria o seu olhar dolente
A lua, a eterna irmã dos sonhos de Colombo.

Velaria o teu somno a maga Natureza,
A sublime immortal em cujo seio mora
Tudo o que Deus criou na maxima belleza:
As noites tropicaes e a tropical aurora.

Os estranhos clarões de um sol indifferente,
O pardo sol do inverno, exanime e sem brilho,
Não viriam roçar a sepultura alente
Que teus restos devora, oh filho, oh filho, oh filho!

Terias sobre ti a constellada esphera
Vibrante de harmonia, ardente de fulgores,
Onde Deus espalhou—etherea Primavera—
Astrós em profusão como no valle as flores.

Terias sobre ti o pavilhão divino
De um fulgurante céu de beijos estrellado,
De um céu que me sorriu quando eu era menino,
E que hoje chora, eu sei, por ver-me desgraçado.

E teu querido corpo, oh tímida gazella,
Na campa dormiria, alegre e venturoso,
Ao dulcíssimo olhar da eterna sentinella,
Do Cruzeiro do Sul, calmo e silencioso.

A flor, o astro, o céu, a planta rescedente,
Longe estão... Tu aqui, rosa perfeita e casta,
Em vez da Terra mãe tiveste unicamente
Uma campa estrangeira,—um seio de madrastra.

Roma, abril de 1880.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

HORAS DE OCIO

METAGRAMMA

Arrumo.
Revisto.
Escrevo.
Já visto.
Arranho.
Sou largo.
Dou penas.
Nascido.
Dou pennas.

Procura em Lisboa; verás que sou largo
Procura em toureiros; já fui conhecido.

EMBRULHADA HISTÓRICA

Encontrar o nome de um imperador romano, tirando uma letra a cada um dos nomes dos seguintes imperadores:

Commodo, Adriano, Claudio, Tiberio, Galba, Augusto, Marco, Aurelio, Trajano.

PERGUNTA INDISCRETA

Qual é o modo de achar que a quaresma passa muito depressa?

Solução dos problemas do n.º 19

Enigma.—Lustre de theatro.

Palavras quadradas.

C	A	Z	A
A	M	E	N
Z	E	L	E
A	N	E	L

Soluções certas

Enigma.—Vasco (Coimbra), Luiz Ferraz (Lisboa), Edipo (Lisboa), F. L. (Porto).

Palavras quadradas.—Vasco (Coimbra), Edipo (Lisboa), F. L. (Porto), D. Benedicta Barros (Setúbal), Francisco Augusto Nunes Pousão (Odemira).

SOBREMEZA

Conta uma chronica sueca o seguinte:

«Representava-se diante do rei João II o *Mysterio da Paixão*. O actor, que fazia o papel de Longuinhas, querendo fingir que atravessava com a sua lança a ilharga do crucificado, não se contentou com um fingimento, mas, arrastado pelo

calor da acção, enterrou realmente o ferro da lança na ilharga do infeliz. Este cae morto e esmaga com o seu peso a actriz que fazia o papel da Virgem Maria. João II, indignado com a brutalidade de Longuinhas, corre sobre elle ao ver as duas mortes, e corta-lhe a cabeça com um golpe de cimitarra. Os espectadores, que tinham gostado mais de Longuinhas do que o resto dos actores, indignam-se tanto com a severidade do rei, que se lançam a elle, e, sem sair da sala, cortam-lhe a cabeça.»

O que a chronica sueca não diz, mas o que é provavel é que depois veio o povo e matou os espectadores, em seguida veio a tropa e matou o povo.

—Sabes, Moncrif, dizia Luiz XV a este famoso poeta, que ha quem te dê oitenta annos?

—Haverá, mas eu é que não aceito.

Um amante, apanhado em flagrante delicto, esconde-se á pressa no cortinado de uma janella, mas em vez de saltar para a rua, foi-se deixando estar com perigo manifesto de ser descoberto. A sua cumplice, furiosa, ao passar junto d'elle, atira-lhe em segredo um tremendo socco, empurra-o, e elle vê-se obrigado a saltar da janella abaixo. No dia seguinte escreveu a sua amante a seguinte carta cheia de dignidade:

«Minha senhora, o murro, que me deu hontem nas costas, não me sae da cabeça, tanto mais que me ia deixando coxo para toda a vida.»

—Mas a final, a que partido pertences tu?

—Meu rico... ao da minha pessoa...

—Pois olha, tens um pessimo chefe.

Quimzinho vae este anno fazer exame de introdução. Bom estudante. Succedeu-lhe hontem um desastre. Ao sair do collegio foi de reholão pela escada abaixo, que só parou no patamar. Ficou derido, muito pisado. Levanta-se exclamando com raiva concentrada:

—Maldita lei da gravidade!...

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 139)

Secceu as folhas sobre uma chapa de ferro, e conseguiu pulverisar-as convenientemente.

A primeira pitada fez espirrar o bom do sr. Lafleur durante meia hora talvez. Parecia que o nariz se lhe tinha transformado em metralhadora. Roncava, trovejava, enfurecia-se. Elle mesmo ria com as lagrimas nos olhos: «Ah! dizia elle, creio que o meu nariz arrebenta de prazer!»

D'esta forma tinha-se chegado ao fim da primeira semana de acampamento, no meio das distrações proporcionadas pelas differentes occupações. Mais oito dias, e estaria de volta o yakute com as rennas e trenós. Era a liberdade! Yegor sem dar mostras da sua febril impaciencia

contava as horas e os minutos. Lafleur cada vez se alegrava mais com a esperança de poder voltar a Yakutsk.

Até então nada viera perturbar os fugitivos no seu retiro, e elles continuavam a ser igualmente circumspectos e cautelosos. Muito perto do acampamento havia uma elevação coroada de pinheiros enormes, dominando o resto da floresta. De manhã e de tarde, Ladislau subia a uma d'essas arvores para observar as immediações; era o posto de fiscalização. Lá de cima, a vista abrangia a immensa floresta, que se desenrolava como um oceano de folhas, cujas vagas eram simuladas pelas pontas conicas dos pinheiros. E, muito ao longe, em uma larga perspectiva esverdeada, cadeias de montanhas escavadas formavam como que as rochas d'este mar de verdura. A uma consideravel altura, fluctuavam grandes aves como pedaços de panno, arrastados ao sabor dos ventos n'um ceu de tempestade.

Uma manhã, os deportados e o seu amigo encontraram as arvores e o solo cobertos de neve. Os flocos continuavam a cair um a um, lentamente, silenciosamente, tecendo á terra um lençol branco, e depositando nos ramos dos pinheiros stalactites de cera virgem. Os bosques, como salpicados de algodão, produziam o effeito mais pittoresco, e debaixo das folhas e do matto paravam suspensos todos os sopros de vida. Nem uma voz de passaro; nem um zumbido de insecto; um silencio pesado, triste. Parecia que a brusca erupção do inverno na floresta gelara de terror todos os seus habitantes. Mas para os fugitivos, o inverno, o frio, o gelo nivelando pantanos e lagos, era o instrumento da libertação!

Todavia o sr. Lafleur, firitando, alongava uma cara cheia de mau humor. Pelo meio dia deixou a neve de cabir. Na cabana de Nadege acendeu-se a grande lampada de cobre, que tinha por fim dar claridade e calor.

A rapariga preparou e serviu o chá, contando ao sr. Lafleur o muito que padeceram ella e o pae, quando foram levados para a Siberia no meio de rigoroso inverno, sendo varias vezes surpreendidos por aquelles terriveis furacões, tão frequentes além do Ural. Tinham visto os lobos correrem de um e outro lado do trenó, quasi a lançarem-se aos cavallos, se estes por ventura cabissem ou retardassem a carreira. Não eram pequenas provas para um velho e para uma rapariga, tão visitados já pela desgraça. Chegaram extenuados a Nertchinsk, depois de uma viagem de sete mil verotes — feita nas mais deploraveis condições.

— Pobre pae! murmurou Nadege ao concluir.

— Pobre Nadege! disse Yegor estendendo as mãos para a noiva.

— Eram bem dignos de melhor sorte, meus amigos! exclamou o parisiense. Mas, paciência, ella ha de chegar! A piedade filial será recompensada, — e tambem o hão de ser a energia e coragem do homem, que está destinado para seu companheiro na vida, minha senhora!

A noute ia passando por entre estas conversações. Lafleur fumou o seu ultimo cachimbo, lançando discretamente para fora as bafuradas do seu problematico tabaco.

Finalmente prepararam-se para se «metterem na cama». Yegor e Lafleur deram as boas noites á rapariga e ao irmão, e retiraram-se para a sua cabana.

Não lhes deviam dar muito trabalho os prepa-

rativos para se deitarem; os dois homens vestiram uma pelle ou «kuchlanka» que fazia as vezes de camisa de dormir; cada um d'elles penetrou, mettendo primeiro os pés, n'um grande sacco de pelle de renna, enterrando-se até á cabeça, e o somno veio logo. O cão Wab velava pela segurança de todos.

De repente — era um pouco antes da meia noute — os hospedes da floresta foram despertados por um ruido estranho, formado de estalos, crepitações, e quedas de arvores, a que se misturavam mugidos, gritos afflictivos de animaes. Wab ladrava como furioso.

Abrindo os olhos, Yegor e o companheiro da choupana, viram o ceo em fogo. Massas de fumo rolavam, rodomoinhavam sobre si mesmas. Havia um cheiro forte de madeira verde queimada.

Com este espectáculo ficaram assombrados, cheios de pavor.

— Está a arder a floresta! exclamou Lafleur.

Yegor ia já correndo para a cabana de Nadege.

Encontrou-a a pé. Tinha visto os primeiros clarões do ceo inflammado, tomando-os pelo effeito de uma aurora boreal. O pequeno Ladislau esfregava os olhos pensando que sonhava.

— É fogo na floresta! disse Yegor.

— Então estamos perdidos, disse Nadege com um gesto de desespero. Ah! meu Yegor! ter soffrido tanto... ter esperado tanto... para vir morrer aqui! Se eu soubesse! Lá, ao menos, seria eu enterrada junto de meu pae!

E desatou a chorar.

— Assustas-te muito depressa, minha querida noiva, disse-lhe Yegor, pegando-lhe nas mãos; depressa perdes a esperança! Pois não estou eu aqui? Não estamos por ventura todos resolvidos a morrer, se for preciso, para te salvar!

— Olha como as chammass avançam, disse ella.

— Socego, socego, meus filhos! disse Lafleur. Operemos a nossa retirada em boa ordem, todos juntos; não nos separemos... Eu serei o guia.

— Mas nós não podemos abandonar os objectos do acampamento, observou Yegor, a nossa roupa, os nossos mantimentos! Que será de nós?

— E os cavallos? disse o polaco vendo os tres animaes, que assustados puxavam os laços, que os prendiam.

— Os cavallos? respondeu Lafleur, basta solta-los; elles se livrarão pelo instincto.

Yegor soltou os cavallos.

Nadege reunia á pressa os objectos que enchiam a cabana, em primeiro lugar o precioso manuscrito, os cantos do exilio de seu pae. Ladislau fazia embrulhos. Yegor e o parisiense cuidavam das roupas e viveres.

— É preciso ter muito cuidado, dizia Yegor trabalhando com azafama, em não deixar a pólvora em contacto com o fogo.

Finalmente puzeram-se a caminho, ora precedidos, ora seguidos de Wab.

O incendio crescia com uma rapidez assustadora. Os pinheiros e todas as arvores resinosas ardiam como tochas immensas. As maiores d'essas arvores em completa combustão erguiam-se em filas cerradas, semelhando enormes pilares de fogo. A chamma curvada pelo vento estendia até longe os seus destroços. Dos troncos destacavam-se grossos ramos quebrando-se com ruido medonho: instantes depois, cahiam uns sobre

outros os colossos da floresta, produzindo na queda um som abafado, surdo.

Archotes, fachos, scentelhas projectadas com força, cahiam como foguetes incendiarios, ateando novos focos. Acompanhava-os uma chuva de faiscas. Em alguns pontos elevados, as massas de grandes arvores inflammadas nos ramos superiores faziam lembrar pharoes dominando um mar de fogo, em que se balouçavam, semelhantes a brulotes, os altos cumes ardendo já em chammass.

O immenso brazeiro espalhou dentro de pouco tempo em torno de si um calor insupportavel; a fornalha, atçada pelo vento, transformava em zona torrida aquella região perdida junto do polo. Aqui e alli via-se uma ave levada na tempestade de fogo e de fumo, á semilhança da phenix da fabula, que renascia das proprias cinzas.

Lobos, rapozas, carneiros selvagens, lebres, ursos pardos, fugiam com susto e como perseguidos por uma luz intensa.

Os fugitivos, vergando ao peso de fardos superior ás suas forças — apesar de terem sacrificado uma parte de seus haveres — caminhavam com um só pensamento, um só fim: não serem queimados vivos! Avancavam mettidos n'um semicirculo esbazeado, que os excedia muito em velocidade e que apertava cada vez mais as extremidades como para detel-os na fuga. Yegor notava com olhar desvairado aquelle progresso do incendio; mas por nenhuma forma queria comunicar aos companheiros as suas terribes apprehensões.

De repente, Nadege, parando diz-lhe com voz moribunda:

— Não posso andar, Yegor!

— Que tens tu? pergunta elle.

— Não sei... a commoção... o medo talvez... Faltam-me as pernas. Não posso andar.

— Pois bem, levo-te eu, respondeu elle com resolução.

Poz em terra o fardo que trazia aos hombros, e, tomando a rapariga nos braços, levantou-a com vigor.

Nadege observava a marcha do incendio e comprehendia, como Yegor, que o fogo lhes cortaria em breve a retirada.

— Ah! meu Deus! exclamou ella! Atrazo-te o caminho... nada mais... Exponho-os todos a morrer!

— Não, não! disse Yegor, vamos muito depressa, e tu não pezas mais sobre o meu peito do que uma rola.

— Isso dizes tu!... Mas olha, Yegor, vê as chammass que o vento estende por baixo das arvores; não tardam a alcançar-nos... O fumo já me soffoca... Salva-te, salva Ladislau... Caminha depressa... Sacrifica-me, se for preciso!

— Sacrificar-te, Nadege! Como podes fallar assim? Se tiveres de morrer hade ser depois de eu ter succumbido.

— Ah! É demasiada fraqueza! murmurou Nadege. Não posso mais... Pareço que a vida me abandona... Yegor, adeus! nunca te esqueças de mim!

Ao pronunciar em voz sumida estas palavras, que o crepitar do incendio teria abafado, se Yegor não as recebesse com os ouvidos muito proximos da becca, que as murmurava, Nadege desmaiou.

Á luz avermelhada, que por toda a parte se reflectia, Yegor não percebeu a pallidez; viu porém que se lhe fechavam os olhos, e sentiu que o corpo cahia como inanimado.

—E então! gritou o sr. Lafleur, que ia alguns passos adiante com Ladislau.

—Venha ver! respondeu-lhe o noivo de Nadege, parece morta!...

—Não hade ser nada! replicou o parisiense. Mas é uma cousa desagradavel. Onde está o embrulho que trazia?

—Deixei-o ao pé de uma arvore; era toda a bagagem da pobre rapariga... A corrente fica ainda muito longe?

—Não, já a oigo d'aqui, disse Lafleur. Uns horribos d'agua fria bastam para reanimar-a.

—Apressemos o passo.

Já rolavam pelo caminho tições inflamados, que obrigavam a abrir muito as pernas para andar. O vestido de Nadege esteve muitas vezes

gritou Ladislau, que ajoelhado ao pé de Nadege molhava-lhe a testa com um panho.

Mas Yegor já estava longe.

—Partir?... exclamou a rapariga voltando a si. Quem?

—Yegor, respondeu-lhe a creança cheia de pesar.

—Onde está elle? perguntou Nadege levantando-se e abrindo os olhos desvairados. Lembrome perfeitamente; elle carregou-me; salvou-me da morte. Onde está Yegor?

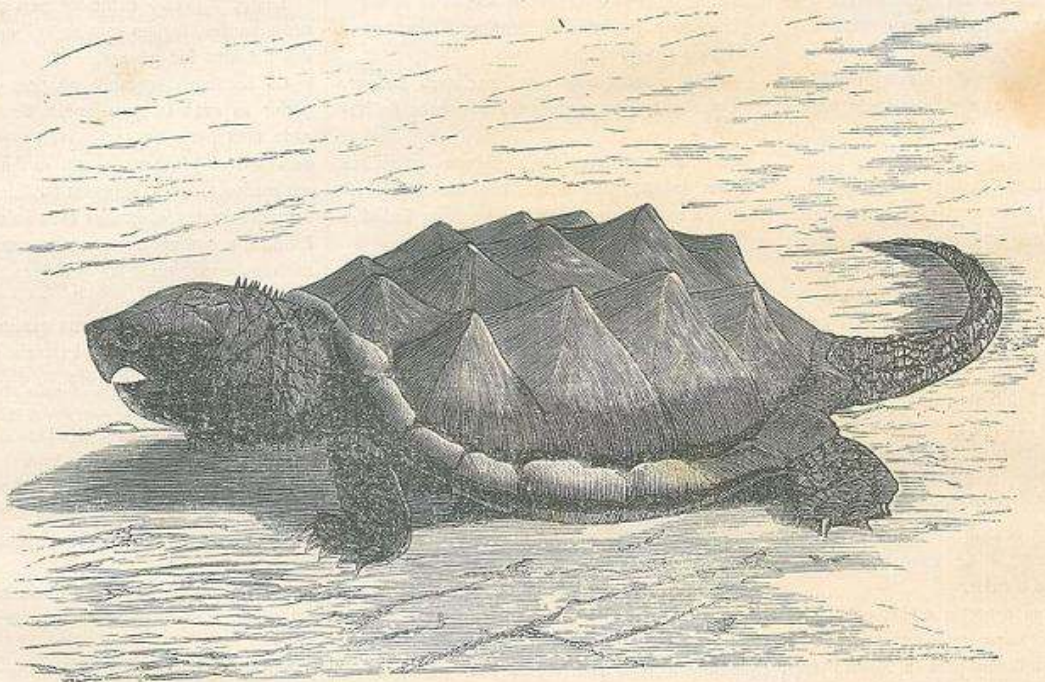
—Volta já, respondeu Lafleur affectando uma certeza, que não tinha.

Nadege abriu muito os olhos, e olhava febrilmente através do fumo; apertava e torcia as mãos n'uma angustia indizivel; as pancadas precipita-

CORRESPONDENCIA

S. D. — Oh! C'os diabos! Pois o seu amor é d'esse feitio, mais ardente que a lava dos vulcões, mais devastador que os furacões? Oh! homem de Deus, a rapariga a quem o senhor diz essas coisas trata, se ama a sua terra natal, de mandar jejar o camaroeiro, porque isso que o senhor tem não é amor, olhe que é um cyclone e um cometa. Safa! que temperamento! Vae remetido do *Jornal do Domingo* para o observatorio da Escola e para o observatorio da Ajuda, para este na sua qualidade de cometa, e para aquelle na sua qualidade de cyclone.

La donna é mobile. — Ora que nos importa a nós que a rapariga namore? Faz ella muito bem. O senhor então tem ferro, e quer desabafar no *Jornal do Domingo*? Menos essa! Somos pelas damas, e se essa a que se refere tem o coração tão largo que lhe cabem lá os namoros aos cinco e aos seis, é porque no municipio d'esse coração o pelouro da viação publica está



O EMYSAURO

em risco de pegar fogo. O fumo tornava-se denso, dificultando a marcha. Felizmente o ruido da torrente já dominava o estrepito da floresta agitada pelo flagello que a devastava.

Finalmente Lafleur avistou a torrente.

—Estamos salvos! gritou elle.

A torrente tinha largura bastante para oppôr ao incendio uma barreira inexpugnável. Yegor procurou um vau, e ao clarão sinistro d'aquella immensa lava, a que milagrosamente tinham todos escapado, tentou passal-o. Em quanto o parisiense e o rapaz depunham no chão os fardos que levavam, Yegor atravessava a torrente, apertando Nadege convulsivamente nos seus braços, e collocou-a sã e salva na outra margem.

O sr. Lafleur ajudou Ladislau a passar de uma pedra para outra.

No sitio em que Yegor collocou a noiva, havia uma rocha que pela configuração podia servir de abrigo momentaneo.

—Confio-a a sua guarda, sr. Lafleur! exclamou Yegor, e vou ver se encontro o que tive de deitar fora.

—O que, Yegor? Quer voltar?

—Não consinta que elle parta, sr. Lafleur!

das do coração marcavam eternidades de soffrimento.

—Ah! meu Deus! para que voltou Yegor aquella fornalha? murmurava ella. Pois já não era muito ter sahido de lá!... Não devia ter consentido, sr. Lafleur.

Ladislau tinha atravessado de novo a torrente, e sem se desviar muito, dirigia olhares avidos para o interior da floresta.

—Elleahi vem! disse o polaco.

—Ah! exclamou Nadege n'um arrebatamento de alegria, que a fez desmaiar outra vez.

Yegor appareceu vergando ao peso de um enorme embrulho. O cão Wab, que ficára de sentinella junto do embrulho abandonado, corria deante do dono.

—Ande depressa! principiou a dizer o sr. Lafleur, quasi ralhando. Ande, Yegor!... Que diabo... olhe que nos pregou um susto formidavel.

O fugitivo depoz o fardo e atravessou a torrente. Brilhava-lhe no rosto a alegria e o contentamento: achava Nadege commovida, feliz de o tornar a ver.

mais bem administrado do que os de Lisboa. Quer esta imagem? Damos-lh'a de graça, e olhe que as suas não são melhores. Fica zangado connosco? Paciencia! Mas, aqui para nós, aqui á puridade: A rapariga tem mais quatro namoros do que devia ter? E os seus versos quantas syllabas tem a mais do que seria de razão?

C. A. Z. (Porto). — Agradecemos extremamente a sua fina amabilidade.

EXPERIENTE

Rogamos aos nossos assignantes e correspondentes, o obsequio de indicarem os exemplares que necessitam da segunda edição, afim de lhes serem enviados, com o numero 22, os numeros 1 e 2, e com o numero 23, os numeros 3 e 4.

Aos senhores correspondentes, em divida, pedimos o saldo do primeiro trimestre.

A administração.

Lisboa — Typ. de Christovão Augusto Rodrigues
Rua do Norte, 143, 1.º

(Continua).